

Michel Lahud

Drama

num texto de 1971, caetano veloso contava: “eu queria escrever um livro sobre joão gilberto. era isso o que eu deveria ter feito. eu acho. talvez assim eu agora estivesse mais tranqüilo. sei que o que mais interessa é a música de joão gilberto. o que mais me interessa eu só consigo vislumbrar através da música de joão gilberto.”

eu quero. iguais motivos regem (e inibem) meu desejo de escrever um livro sobre caetano veloso. a velha, a mesma estória do livro sempre protelado. do Livro. do desejo mantido sempre aceso, talvez para sempre. como se houvesse na realização uma ameaça de consumação, de consumo. como se a intensidade do projeto tornasse a idéia de qualquer livro qualquer coisa. é possível um livro jóia? eu quero.

talvez o livro não chegue a ser. (virá que eu vi). mas só será se não for nem mais um, nem menos um, muito menos um enfim um. aliás não poderá jamais ser um livro Sobre caetano, mas, assim, sob Caetano (e por que não para caetano?). de que direito a metalinguagem? de que direito, ali, onde não há pecado

nem perdão? a questão caetano é uma questão de mil sintonias, exige apenas (o que não é pouca coisa, longe disso) uma escuta atenta e forte. e muita alegria, alegria.

pensei, pois, numa ciranda de textos, de versos, de palavras, que, com alegria, fossem, sempre em torno de um verbete, se cruzando, e, se cruzando, revelassem algum segredo. não algum mistério, que este é nosso guia, nossa chama. nem tampouco um segredo *de* caetano, mas de um "encontro", segredo do tipo daquele que só a linguagem da troca, o dom, manifesta e exprime. com os sinais da cumplicidade, pois. portanto, sedução, também.

então, segue uma a-mostra, sem mais "explicações". pois gente espelho da vida sabe. e para quem não sabe, nem palavras inteiras bastam. eis o DRAMA.

DRAMA

sonho? segredo? o nome mais belo do medo?
drama é desejo

dos portos
parto
derrubando as cercas

para a ilha do discurso *.Empty Boat.*

poemas dramáticos dramas pessoais de ser pessoa três em uma
mutilação de pronomes se desfazendo num nós única pessoa da
gramática do drama da linguagem-corpo da alma de uma pessoa
de onde se produz a palavra
eu

MARINHEIRO

SÓ

O MAR DAS OUTRAS TERRAS É QUE É BELO.
AQUELE QUE NÓS VEMOS DÁ-NOS SEMPRE
SAUDADES DAQUELE QUE NÃO VEREMOS NUNCA.

NAVEGAR É PRECISO

a íris do olho de Deus tem
muitos arcos e há muitos barcos
no mar

SÓ VIVER É QUE FAZ MAL

se fugires
não fujas

cuidado! perigo! nas esquinas!

te perderás

rasgando terras selvagens fazendo o terá sido óbvio da
linguagem explodir colorido na boca de carne da pele pelos ares
mares nunca dantes navegados

EU NÃO SOU DAQUI

marinheiro só daqui-dali-de nenhures inventando os pontos do
espaço-tempo portos do aqui-agora dramática mentira

EU NÃO SOU DAQUI

Me deixe

mudo

ENTRE MIM E MINHA VOZ ABRIU-SE
UM ABISMO
espaço do já-nunca dito
de todas as vozes

da voz

CANTANAVE
naves fora
NADA

POR OUTROS MARES DE LOUCURA VAI

.marinheiro só.